

**O LEGADO DE CARLOS MARIGHELLA E AS MEMÓRIAS
SOBRE A RESISTÊNCIA ARMADA NA MÚSICA
CONTEMPORÂNEA: O INTELECTUALISMO ORGÂNICO
DIVERGENTE DE MANO BROWN E CAETANO VELOSO¹**

**Carlos Marighella's legacy and memories of armed resistance
in contemporary music: the divergent organic intellectualism
of Mano Brown and Caetano Veloso**

**El legado de Carlos Marighella y las memorias de la
resistencia armada en la música contemporánea: el
intelectualismo orgánico divergente de Mano Brown y
Caetano Veloso**

Diego Grossi²

Resumo:

A partir do conceito de *intelectual orgânico* de Antonio Gramsci o presente trabalho busca compreender a construção memorialística de diferentes agrupamentos sociais diante das heranças da luta armada contra a Ditadura Militar brasileira a partir da inscrição da figura de Carlos Marighella nas canções *Mil faces de um homem leal* (2012) do grupo Racionais MCs, e *Um comunista* (2012) de Caetano Veloso. A análise demonstra como distintas perspectivas de classe por parte dos artistas citados traduzem-se em apropriações diversas do legado de Carlos Marighella.

Palavras-chave: Carlos Marighella. Ditadura Militar. História e Música.

Abstract:

From the concept of *organic intellectual* (Antonio Gramsci) this article seeks to understand the formation of identities from different social groups regarding the memory of the armed struggle against the Military Dictatorship in Brazil (specifically the "inheritance" of Carlos Marighella), expressed in songs *Mil faces de um homem leal*, by Racionais MCs (2012), and *A Communist*, by Caetano Veloso (2012). The analysis demonstrates how different classist perspectives on the part of the artists mentioned translate into different appropriations of Carlos Marighella's legacy.

Keywords: Carlos Marighella. History and Music. Military Dictatorship.

Resumen:

Basado en el concepto de *intelectual orgánico* de Antonio Gramsci el presente trabajo busca comprender la construcción de las memorias de diferentes grupos sociales en vista del legado de la lucha armada contra la Dictadura Militar brasileña a partir de la inscripción de la figura de Carlos Marighella en las canciones *Mil faces de um homem leal* (2012) del grupo Racionais MCs, y *Um comunista* (2012) de Caetano Veloso. El análisis demuestra cómo diferentes perspectivas clasistas por parte de los artistas mencionados se traducen en diferentes apropiaciones del legado de Carlos Marighella.

Palabras llave: Carlos Marighella. Dictadura Militar. Historia y Musica.

Introdução

Em 31 de março de 2024 o golpe militar de 1964 completou 60 anos. Entre os diversos pontos que voltam à pauta em cada decênio³, o papel da luta armada contra o regime se apresenta dentre aqueles que não cessam de gerar polêmicas. Nestas, a figura de Carlos Marighella, um dos principais expoentes da resistência armada contra o regime militar, possui papel de destaque (SALES, 2015). Desde 2011, em função dos cem anos de seu nascimento, intensificaram-se as discussões acerca de seu legado e, no campo das artes, algumas produções inseridas nesse contexto ganharam destaque, como o documentário *Marighella* (2012), de Isa Grinspum Ferraz, sobrinha do revolucionário; o filme *Marighella* (2019), de Wagner Moura; e as músicas *Mil faces de um homem leal*, de Mano Brown, cantada pelos Racionais MCs e escrita especialmente para o documentário citado, e *Um comunista*, de Caetano Veloso. Tais canções contemporâneas expressam as distintas perspectivas de dois segmentos sociais diante do legado de Carlos Marighella e de toda luta armada contra a ditadura e, por isso, são os objetos de estudo do presente trabalho, que tem a intenção de identificar as maneiras como diferentes setores sociais que participaram da resistência se apropriam hoje do legado de Marighella em particular e da luta armada em geral.

No Brasil, a luta armada promovida contra o regime militar se deu, grosso modo, entre 1968 e 1974⁴, expressando a estratégia e a tática dos setores mais radicais da oposição à ditadura,

compostos principalmente por estudantes e intelectuais das camadas médias, mas também por membros da classe trabalhadora da cidade e do campo (RIDENTI, 2010, p. 277-279). Assim, o combate desencadeado se propunha a ser uma manifestação específica das lutas de classes promovidas de diversas formas contra as classes dominantes e que se inseria no quadro global de revoluções populares iniciada com a Revolução Russa (1917), ganhando formato guerrilheiro especialmente com as revoluções em China (1949), Coreia (1945; 1953), Vietnã (1954) e Cuba (1959).

Durante toda a ditadura brasileira, porém, forte repressão se abateu sobre a classe trabalhadora⁵, o que, combinado com os instrumentos hegemônicos de propaganda, como o apelo ufanista, a aliança com as alas conservadoras do cristianismo e o discurso anticomunista; isolaram os elementos guerrilheiros, oriundos em grande parte das camadas médias, e condenaram a luta armada, impedindo que a guerra de guerrilhas passasse de sua fase inicial e se desdobrasse em um exército popular de fato (como ocorreu em Cuba, por exemplo). A derrota desses agrupamentos foi só um aspecto da derrota de todas as esquerdas, igualmente reprimidas. Ainda que o campo de esquerda tenha sido fundamental para o fim do regime militar em 1985, por conta das pressões exercidas, os militares só cederam, e de forma tímida, após terem consolidado a economia brasileira como um tipo específico de capitalismo alinhado ao “Mundo Ocidental” (SANTOS, 1995).

Portanto, a partir dos processos históricos impostos ao Brasil, os dilemas e condições objetivas da luta de classes continuam vivos, pois, apesar da redemocratização, não se conseguiu superar as contradições de classe impostas a um país diverso, cuja complexidade econômica se dá por um estigma de subdesenvolvimento. Uma das formas do atual conflito de classe tem se dado no campo da memória, promovendo uma espécie de disputa discursiva do que representou o regime militar. Nesta disputa, diferentes e divergentes discursos buscam tornar hegemônicas suas percepções sobre o período e, através da interpretação do passado, legitimar suas lutas do presente e seus projetos para o futuro.

Como disse o historiador Eric Hobsbawm, “a memória é menos uma gravação que um mecanismo seletivo, e a seleção, dentro de certos limites, é constantemente mutável” (HOBSBAWM, 2005, p. 221). Nessa disputa por uma memória que legitime a repressão ou a resistência, entram em ação, entre outros, os agentes das classes sociais em confronto, classificados por Antonio Gramsci como intelectuais orgânicos:

Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não

apenas no campo econômico, mas também no social e no político (GRAMSCI, 1982, p. 3).

Uma das mais marcantes características de todo grupo social que se desenvolve no sentido do domínio é sua luta pela assimilação e pela conquista "ideológica" dos intelectuais tradicionais, assimilação e conquista que são tão mais rápidas e eficazes quanto mais o grupo em questão elaborar simultaneamente seus próprios intelectuais orgânicos. (GRAMSCI, 1982, p. 9).

É importante salientar que Gramsci trabalha com o conceito de intelectual de forma ampla. Segundo o marxista italiano, "todos os homens são intelectuais [...], mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais" (GRAMSCI, 1982, p. 7), incluindo, aí, os artistas.

Tal concepção fornece ferramentas importantes no que concerne ao entendimento do problema central deste trabalho, que é a forma como duas camadas sociais diferentes, que em maior ou menor grau ofereceram resistência contra o regime militar através das armas num mesmo bloco de oposição, se relacionam com o próprio passado, aqui representado pela memória de Marighella e da luta armada. Os objetos do presente estudo são, assim, elaborações de dois agentes históricos que exercem a função intelectual no campo das artes a partir de composições musicais: Mano Brown e Caetano Veloso, oriundos destes distintos setores sociais e igualmente escutados, no geral, de maneira diferenciada por tais classes. O primeiro, vindo do Capão Redondo em São Paulo e com fama consolidada nas periferias do país, enquanto o segundo tem seu público principalmente entre as camadas médias da população.

Os trabalhos aqui analisados, as canções *Mil faces de um homem leal* e *Um comunista*, expressam visões divergentes quanto ao legado do guerrilheiro em questão, ainda que, como será demonstrado, ambos declarem a intenção de homenageá-lo por conta do centenário de seu nascimento. Assim, aqui, o líder dos Racionais MCs e Caetano Veloso estão inscritos como intelectuais orgânicos da classe trabalhadora e das camadas médias, respectivamente, simbolizando as heranças que tais setores se apropriam e/ou renunciam diante da luta armada contra a ditadura, mas também como destacam, em suas obras, um processo passado perante os dilemas da luta de classes hoje.

A revolução no Brasil tem um nome: Carlos Marighella

Carlos Marighella nasceu em 5 de novembro de 1911 em Salvador, Bahia. Filho de pai imigrante e mãe descendente de escravos, conseguiu, aos 18 anos, iniciar o curso de Engenharia na Escola Politécnica da Bahia, onde começou a militar no PCB (MAGALHÃES, 2014). Durante

a década de 30 chegou a ser preso e torturado algumas vezes por conta da militância. Com a redemocratização, em 1946 foi eleito deputado federal constituinte, sendo caçado junto com toda bancada comunista logo depois. A partir daí passa a viver na clandestinidade, condição mantida até a sua morte, em 1969.

Ambas as composições em questão destacam essa origem humilde de Marighella e estabelecem uma identificação com a mesma. Na música de Caetano Veloso, o nome do guerrilheiro não chega a ser citado, referindo-se ao mesmo sempre como o “mulato baiano”, termo capaz de caracterizar a condição comum de baiano, compartilhada por Marighella e Veloso, e esta origem humilde - o que se percebe já na primeira estrofe: “Um mulato baiano/ Muito alto e mulato/ Filho de um italiano/ E de uma preta hauça⁶”. O início do rap dos Racionais, por sua vez, evidencia a condição étnica e social de Carlos Marighella, acompanhada de uma interpretação das suas ações sob formas presentes no cotidiano da população pobre nos dias de hoje: “Bandido da minha cor”; “Coisas do Brasil, super-herói, mulato/ Defensor dos fracos, assaltante nato”; “Que ousou lutar, honrou a raça”; “Indigesto como o sequestro do embaixador”. Estabelece-se, assim, uma dupla identidade com base na condição humilde e nas ações adotadas, relacionando a existência de uma como ligada à outra, pontuando uma continuidade atual das características atribuídas a Marighella e que o transformavam em “bandido”, tal qual atualmente o preconceito e a exclusão “transformam” pessoas periféricas antes de qualquer julgamento legal. Na própria passagem em que Mano Brown, assim como Caetano Veloso, traz a origem baiana, essa identidade de duas faces é evocada da mesma maneira: “Da Bahia de São Salvador Brasil/ Capoeira mata um mata mil, porque/ Me fez hábil como um cão/ Sábio como um monge/ Antirreflexo de longe/ Homem complexo sim/ Confesso que queria/ Ver Davi matar Golias/ Nos trevos e cancelas/ Becos e vielas/ Guetos e favelas/ Quero ver você trocar de igual/ Subir os degraus, precipício/ É vida difícil, ô povo feliz” (nesse momento no videoclipe aparece uma cena de conflito com a polícia na favela num cenário contemporâneo). Mais adiante, a música diz “Quem samba fica/ Quem não samba, camba/ Chegou, salve geral da mansão dos bamba/ Não se faz revolução sem um fuga na mão/ Sem justiça não há paz, é escravidão”. Ou seja, a Bahia marca presença por sua tradição guerreira e antiescravidão, primeiramente com a capoeira e, logo a seguir, abrindo caminho com o samba para um trocadilho que mantém o que foi visto anteriormente, a identificação de um elemento da guerrilha com a vida de muitos marginalizados hoje: a arma de fogo, chamada de “fuga”, por exemplo.

Percebe-se que ambos os compositores destacam a origem humilde do guerrilheiro como elemento de apreço, compartilhando alguma forma de identidade. Porém, em Veloso essas

características aparecem, por si mesmas, como elementos positivos, dispensando uma relação de causa e efeito. Já na música de Mano Brown, as condições objetivas e a opção revolucionária subjetiva aparecem umbilicalmente ligadas a partir da escolha dos termos “bandido”, “assaltante” e “sequestro”, realçando a forma de ação do guerrilheiro, permitindo assim um paralelo, uma ponte para o estabelecimento da identidade que vai além da condição de negro ou pobre; mas entre a ação revolucionária do passado e o mundo do crime, que é uma realidade presente, de forma direta ou indireta, no cotidiano das populações marginalizadas.

No entanto, o rap do grupo paulista também demarca, em outras passagens, os atos do guerrilheiro como fenômenos orientados por uma política, diferenciando o simples banditismo da ação revolucionária. Passagens como “Que ousou lutar, honrou a raça/ Honrou a causa que adotou/ Aplauso é pra poucos/ Revolução no Brasil tem um nome/ Vejam o homem/ Sei que esse era um homem também/ A imagem e o gesto/ Lutar por amor” e “Essa noite em São Paulo um anjo vai morrer/ Por mim, por você, por ter coragem em dizer” destacam que havia uma causa submissa a determinados valores virtuosos, como o amor, a coragem e a revolução. Deve-se ressaltar que o rap *Mil faces de um homem leal* é cantado intercalado com a voz do próprio guerrilheiro dizendo suas propostas revolucionárias, o que aprofunda a caracterização da luta armada enquanto orientação de ordem política.

Já na voz do cantor baiano, o elemento político aparece de outra maneira, exclusivamente ideológico, inclusive pelo próprio título da canção que destaca a opção ideológica do guerrilheiro (lembrando que na música dos Racionais o comunismo não é nem citado): “Foi aprendendo a ler/ Olhando mundo à volta/ E prestando atenção/ No que não estava à vista/ Assim nasce um comunista”; “Um mulato baiano/ Que morreu em São Paulo/ Baleado por homens do poder militar/ Nas feições que ganhou em solo americano/ A dita Guerra Fria/ Roma, França e Bahia”; “O mulato baiano, mini e manual/ Do guerrilheiro urbano que foi preso por Vargas/ Depois por Magalhães/ Por fim, pelos milicos/ Sempre foi perseguido nas minúcias das pistas/ Como são os comunistas?”.

É interessante notar que ambas as músicas referem-se, ainda que *en passant*, ao relacionamento de Carlos Marighella com a também guerrilheira Clara Charf: “Clara meu eterno amor, sara minhas dores”, por parte da composição de Mano Brown, e “Quem e como fará/ Com que a terra se acenda?/ E desate seus nós/ Discutindo-se Clara/ Iemanjá, Maria, Iara/ Iansã, Catijacara” na música “Um comunista” – percebe-se aí, além do nome da esposa de Marighella, mais uma vez o apelo à identidade baiana, dessa vez, através da religiosidade de matriz africana.

Outro ponto de interseção das obras em questão é a ênfase dada às desigualdades e injustiças sociais como elementos contínuos nos tempos em que as canções se desenvolvem (o passado como tempo da guerrilha, e o presente, tempo das composições). Caetano Veloso, já na segunda estrofe, supõe como o próprio Marighella observou a realidade e dá a entender que, por conta do que viu, se tornou um comunista, cantando no desenrolar da música a permanência dessas condições sociais: “Foi aprendendo a ler/ Olhando mundo à volta/ E prestando atenção/ No que não estava a vista/ Assim nasce um comunista”; “Porém, a raça humana/ Segue trágica, sempre/ Indecodificável/ Tédio, horror, maravilha”; “Calçadões encardidos/ Multidões apodrecem/ Há um abismo entre homens/ E homens, o horror”. Os Racionais MCs enfocam elementos como a fome e as favelas: “Que se habilita a lutar, fome grita horrível/ A todo ouvido sensível que evita escutar/ Acredita lutar, quanto custa ligar?/ Cidade chama vida que esvai/ Clama por socorro, quem ouvirá?”; “Nos trevos e cancelas/ Becos e vielas/ Guetos e favelas/ Quero ver você trocar de igual/ Subir os degraus, precipício/ Ê vida difícil, ô povo feliz”; “Sem justiça não há paz, é escravidão...”. Inclusive o videoclipe de *Mil faces de um homem leal* chegou a ser gravado numa ocupação de sem-teto em São Paulo, o que realça a discussão sobre os problemas do presente.

Um comunista: o cantado, não o cantor

Porém, se ambas as obras estabelecem alguma forma de identidade com o revolucionário, distanciam-se completamente ao tornar vivo o legado de Marighella. Enquanto Caetano Veloso faz questão de demarcar uma linha de separação entre a admiração pelo homem e a repulsão pela ideologia do mesmo, criticando o comunismo⁷, Mano Brown e os Racionais MCs se apropriam da causa do guerrilheiro como exemplo a ser seguido pelos pobres de hoje, aparecendo um Carlos Marighella que é ao mesmo tempo general, messias e mártir. Em *Um comunista*, as críticas ao marxismo aparecem em dois eixos: a) é encarado como uma utopia (como diz o próprio refrão: “Os comunistas guardavam sonhos” ou em outra estrofe: “Mas ninguém entendia/ Vida sem utopia/ Não entendo que exista/ Assim fala um comunista”). Ou seja, o comunismo inscrito na música de Caetano Veloso é representado como algo inatingível, exacerbado no plano dos sonhos, das utopias, mas que, justamente por partir de uma intenção positiva, é o tipo de “defeito” compatível com a exaltação das qualidades do guerrilheiro, já que aparece como uma falha “perdoável”, quase uma inocência; b) são feitos juízos de valor negativos de maneira direta, ainda que encontrando na exposição formas de desvincular Marighella destas falhas. Numa passagem insere-se a percepção negativa das experiências socialistas justamente

para acusar os repressores de utilizarem esses supostos defeitos como falsa justificativa para perseguir o guerrilheiro: “Não que os seus inimigos/ Estivessem lutando/ Contra as nações terror/ Que o comunismo urdia/ Mas por vãos interesses/ De poder e dinheiro/ Quase sempre por menos/ Quase nunca por mais”.

Em outra passagem, já no final da música, se estabelece uma oposição entre a URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) e o revolucionário brasileiro: “O mulato baiano já não obedecia/ As ordens de interesse que vinham de Moscou/ Era luta romântica/ Era luz e era treva/ Venta de maravilha, de tédio e de horror”. Aqui, demonstra-se o problema de forma equivocada, já que, se na prática, Marighella se alinhou à outra experiência revolucionária, a cubana, não se colocou assim como inimigo declarado da União Soviética. Além disso, a suposta rebeldia do comunista diante das “ordens de Moscou” recicla um argumento antigo da direita, para a qual o movimento comunista nacional era comandado por forças externas provenientes da União Soviética, e não fruto das contradições do próprio Brasil (PRESTES, 2003, p. 139). Já no rap *Mil faces de um homem leal* essa demarcação não está presente; ao contrário, como foi visto, estabelece-se toda identificação possível entre as práticas do guerrilheiro diante da injustiça do passado com as necessidades atuais do povo brasileiro. Marighella aparece como herói completo, símbolo com significado válido para o tempo presente e capaz de despertar os mais pobres para a luta: “Protetor das multidões/ Encarnações de célebres malandros/ De cérebros brilhantes/ Reuniram-se no céu/ O destino de um fiel, se é o céu o que Deus quer/ Estou somado, é o que é, assim foi escrito/ Mártir, Mito ou Maldito sonhador/ Bandido da minha cor/ Um novo messias”; “Revolução no Brasil tem um nome/ A postos para o seu general/ Mil faces de um homem leal/ Marighella”.

Portanto, se ambos os compositores, Caetano Veloso e Mano Brown, fizeram uma homenagem ao guerrilheiro exaltando seu sacrifício e seus valores morais, o estabelecimento de uma identidade e a apropriação do exemplo da luta armada distingue nitidamente as perspectivas adotadas como visões com conteúdo de classe diverso. Caetano Veloso exalta a identidade baiana e até mesmo lembra de ter partilhado da oposição à ditadura: “O baiano morreu/ Eu estava no exílio/ E mandei um recado: ‘eu que tinha morrido’/ E que ele estava vivo”. Mas rejeita a perspectiva política do guerrilheiro: “Ó, mulato baiano/ Samba o reverência/ Muito embora não creia/ Em violência e guerrilha/ Tédio, horror e maravilha”. O projeto revolucionário, como já pontuado, aparece como inalcançável; belo nas intenções e no martírio, mas dantesco e irrealizável na prática, algo distante. Enquanto Mano Brown apresenta justamente o homem que se fez herói, mártir e mito nas condições concretas, um homem como outros: “Vejam o homem/ Sei que esse era um homem também”. O primeiro tem uma posição vacilante, comum às

camadas médias, que oscilam entre as demandas das classes mais abastadas e das classes populares, contendo um misto de apoio e negação, rejeitando as injustiças sociais ao mesmo tempo em que não quer assumir compromisso com as exigências das alternativas revolucionárias. Já o segundo vê uma continuidade sob o ponto de vista da classe trabalhadora, em que, por mais que a estrutura política tenha se liberalizado, as injustiças sociais e a opressão do capital se mantiveram, assim como os conflitos entre a classe dominante e os pobres. As próprias melodias que acompanham as letras reafirmam essas perspectivas. *Um comunista* é uma canção lenta, triste, quase um comunicado da derrota; por outro lado, *Mil faces de um homem leal* é agressiva, forte, como se fosse um chamado para a luta.

Memórias sobre a luta armada e as classes sociais hoje

A discussão feita até aqui perpassa um sentido de classe que foi assumido pelos próprios autores das músicas analisadas - o que pode ser percebido nas entrevistas concedidas por Mano Brown e por Caetano Veloso ao jornal *Folha de São Paulo* na época das produções⁸. Segundo o jornal, ao conversar com Isa Ferraz, diretora do documentário *Marighella* (2012), para o qual a música *Mil faces de um homem leal* foi produzida, Brown disse: “Você não está fazendo este filme para seus pares, quem precisa de heróis é minha gente”. Na mesma entrevista, o músico também demonstra outras identificações com o guerrilheiro:

O convite [para fazer a música] chegou através do movimento negro. Algum cara do rap já tinha me falado sobre ele [Marighella], eu conhecia de longe, só a lenda, pois é algo de não sei quantas gerações atrás. Alguém me falou também que em algum detalhe ele parecia comigo. Na luta dele, na ideia. Somos os dois filhos de preto com italiano e minha família também vem da Bahia (2011).

Porém, as identificações entre o músico e o revolucionário não se restringiram ao campo étnico; ampliando-se ao sentido de classe e, da mesma maneira, ao ativismo social de ambos, cada um em sua época:

Marighella lembra Malcom X, lembra Public Enemy, lembra Racionais. Muito do que cantamos no rap provavelmente veio dele. Por exemplo, o conceito da violência contra a violência. A luta dele vem de uma época em que não podia ter eleição direta, toda hora tinha golpe. Ele foi proibido de correr pelo certo. Resolveu usar a força pois só isso resolveria (2011).

Verifica-se também que a violência é, tanto para Marighella quanto para Brown, o meio de resposta viável quando o diálogo já não é possível; seja este impedido pelas forças repressoras do regime militar, seja pelas forças repressoras de um regime democrático. Reinaldo Azevedo, um dos ideólogos mais respeitados pela direita brasileira e crítico antigo tanto de Mano Brown quanto de Marighella, manifestou-se⁹ contra o rapper paulista por conta da homenagem feita ao guerrilheiro comunista. Porém, uma conclusão que tinha claros objetivos de desacreditar a esquerda foi icônica: “Mano Brown é hoje o mais sofisticado pensador da esquerda brasileira” (2013). Essas palavras encerram a percepção classista burguesa diante do intelectualismo orgânico exercido por Mano Brown e pelos Racionais Mcs junto à classe trabalhadora, ainda que o autor tenha pretendido fazer esta afirmação em tom de sarcasmo.

Já Caetano Veloso, em entrevista ao mesmo jornal, declarou estar ciente da presença de sua composição nas camadas médias da sociedade, ao contrário do rap.

E ela [a canção *Um comunista*] contrasta muito com a música dos Racionais. E é interessante, porque ela é bem a canção de protesto feita por artistas da classe média, tal como Chico Buarque comparou [em entrevista a Fernando de Barros e Silva, na Folha, em 2006] quando disse que a canção está desaparecendo e que o rap é uma manifestação... Aliás, o Chico e o José Ramos Tinhorão coincidiram em dizer que o rap era a verdadeira canção de protesto, porque era dita por eles mesmos [as classes empobrecidas], como dizia o Cacá Diegues a respeito dos filmes feitos pelos favelados sobre a favela. Diferentemente de uma referência aos desfavorecidos por parte de um artista da classe média, como era o caso na nossa geração, minha e de Chico. Então, nesse caso, eu volto àquela força da canção de protesto de classe média (2012).

Neste sentido, podemos lembrar de Lenin analisando o quadro social da Rússia ainda no final do século XIX, quando retoma as formulações que já haviam sido feitas inúmeras vezes por Karl Marx e Friedrich Engels, desde o Manifesto Comunista (1848), sobre a essência oscilante das camadas médias e diz que “la pequeña burguesia tiene, por naturaleza, dos caras: por una parte, se inclina hacia el proletariado y la democracia; por otra, se inclina hacia las clases reaccionarias” (1973, p. 158). Caetano Veloso expressa bem essa postura vacilante das camadas médias desde a época do regime militar, ao qual combateu:

Nunca vi Marighella. Eu tinha uma colega, Maria de Lourdes Mello Vellame, que foi guerrilheira junto com ele, que era do Partido Comunista, saiu com ele, pra luta armada, foi presa, muito torturada [...]. Ela era minha amiga, era minha colega na Faculdade de Filosofia. Ela me pediu na época pra prestar apoio logístico à guerrilha de Marighella, e eu fiquei mais ou menos inclinado a talvez fazer isso, se me fosse possível, se soubesse como, porque eu o admirava, mas eu temia, possivelmente não chegaria a fazer. Mas não sei, porque eu fui preso poucos meses depois, não por isso, porque eles me prenderam sem saber disso (2012).

Apesar disso, o respeito do músico em relação ao Marighella pode ser verificado:

A imprensa brasileira era muito limitada pela censura, não podia dizer que a gente estava exilado, apenas Caetano e Gil estão em Londres, etc. e tal. E a capa dessa revista era uma fotografia, eu e Gil, sorrindo, na frente do Big Ben, né, na ponte de Waterloo. E num boxê, assim, no alto da página, a foto de Marighella morto, que era a notícia de Marighella morto. Então mandei um texto para o Pasquim, dizendo "A revista chegou e nós estamos na capa". E eu falava de minha tristeza e de Gil, dizendo assim: nós estamos mortos. Ele está mais vivo do que nós (2012).

Apesar de sempre ter se identificado com o campo das esquerdas, Veloso, diferente de Mano Brown, nega ser ou já ter sido comunista ou revolucionário: "Eu não posso dizer que eu seja comunista, nem mesmo um socialista. Eu fui mais no meu pensamento socialista do que vim a ser depois" (2012).

Dessa forma, nota-se como, para Caetano Veloso, Carlos Marighella aparece como admirável enquanto pessoa sem apreço por sua ideologia comunista; e, para Mano Brown, se funde numa única síntese a pessoa e o revolucionário por meio da ação prática derivada da sua posição de classe dada no mundo.

Considerações Finais

O contraste entre a firmeza revolucionária de Mano Brown e a postura política mais tímida de Caetano Veloso expressam as tendências e inclinações dos segmentos sociais dos quais cada um destes se origina e penetra: a classe trabalhadora e sua necessidade de luta contra o capital; e as camadas médias, possuidoras de típicos dilemas entre a conservação da estrutura do sistema capitalista ou sua superação. Dilema este ainda presente em nossa sociedade no atual contexto de 60 anos do golpe de 1964, na qual até mesmo o último presidente fazia questão de exaltar em sua agora findada gestão¹⁰. Neste sentido, a atuação de intelectuais orgânicos da classe trabalhadora se opõe aos discursos pró regime militar e buscam construir outras narrativas que possam divulgar um ponto de vista diferente do hegemônico e que partam do olhar de personagens que compuseram a resistência contra a ditadura. Nisso, a música dos Racionais MCs, em relação à composição de Caetano Veloso, atua mais energicamente a partir desse olhar que legitima a violência revolucionária como um caminho possível para a superação de um regime autoritário, mas também das contradições enfrentadas pelas camadas mais pobres do passado ou do presente.

Referências Bibliográficas

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil: nunca mais**. Petrópolis: Vozes, 1985.

CARNEIRO, Ana e CIOCCARI, Marta. **Retrato da repressão política no campo (Brasil 1962 – 1985): camponeses torturados, mortos e desaparecidos**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2011.

DREIFUSS, René. **1964 A conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe**. Petrópolis: Vozes, 1981.

FICO, Carlos. **Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 a a ditadura militar**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FICO, Carlos. **O golpe de 1964: momentos decisivos**. Rio de Janeiro : FGV, 2014.

GOENDER, Jacob. **Combate nas trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada**. São Paulo: Ática, 1987.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a organização da cultura**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1982.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LENIN, Vladimir. **Obras** (tomo 1). Moscou: Progreso, 1973.

LOSURDO, Domenico. **Fuga da história? A Revolução Russa e a Revolução Chinesa vistas de hoje**. Rio de Janeiro: Revan, 2004.

MAGALHÃES, Mário. **Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

MATTOS, Marcelo Badaró. Os trabalhadores e o golpe de 1964: um balanço da historiografia. **Revista História e Luta de Classes**, vol. 1, 2005.

MATTOS, Marcelo Badaró. **Trabalhadores e sindicatos no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

PRESTES, Anita Leocadia. As interpretações do golpe de 1964: o confronto ideológico.

Novos Temas, vol. 10, p. 129-144, 2014.

PRESTES, Anita Leocadia. O método comparativo no estudo da história do Partido Comunista do Brasil. **Estudos Ibero-Americanos**, 2003.

RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da revolução brasileira**. São Paulo: Unesp, 2010.

SALES, Jean Rodrigues. Guerrilha e revolução: um balanço dos estudos e debates sobre a luta armada contra a ditadura militar no Brasil. In: ZACHARIADES G. C. (Org.). **1964: 50 anos depois – a ditadura em debate**. Aracajú: EDISE, 2015.

SANTOS, Theotonio dos. **Evolução história do Brasil: da colônia à crise da “Nova República”**. Petrópolis: Vozes, 1995.

ZACHARIADES, Grimaldo Carneiro (Org.). **1964: 50 anos depois – a ditadura em debate**. Aracajú: EDISE, 2015.

Notas:

¹ Versão preliminar da discussão foi apresentada apenas de forma oral na II Semana de História da Universidade Federal Fluminense (UFF) (2013). O autor agradece à Clarissa Melo pelos comentários para essa versão final.

² Doutor em Ciência Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foi pesquisador e um dos fundadores da Comissão Municipal da Verdade de Petrópolis/RJ. E-mail: professordiegogrossi@gmail.com / <https://orcid.org/0000-0003-4415-7467>

³ 2004 e 2014 marcaram jubileus do golpe capazes de mobilizar grandes polêmicas sociais e historiográficas. Balanços sobre essas discussões podem ser vistas em Fico, 2004; Fico, 2014; Mattos, 2005; Prestes, 2014 e Zachariadhes, 2015.

⁴ Houve um pequeno número de tentativas de luta armada antes de 1968. No entanto, tais movimentos foram isolados. No total, de acordo com os levantamentos do projeto “Brasil: Nunca Mais” surgiram mais de 20 organizações diferentes que optaram pelas ações armadas somando quase 4000 pessoas processadas pelo envolvimento nas mesmas nas duas décadas de ditadura (Ridenti, 2010, p. 275 et. seq.).

⁵ No imediato pós-golpe milícias particulares de fazendeiros sequestraram, torturaram e mataram diversas pessoas envolvidas com as lutas populares no campo (Carneiro e Ciocari, 2011, p. 27). Com a consolidação do golpe, conforme cita Marcelo Badaró Mattos, o governo militar ordenou a intervenção em 433 entidades sindicais (2008, p. 101). Quanto ao total de vítimas o projeto “Brasil: Nunca Mais” calculou que entre 1964 e 1979 o número de atingidos pela repressão chegou a cerca de 17.000 (7.363 levados ao banco dos réus mais 10.034 envolvidos apenas na fase de inquérito) (1984, p. 88). Já Gorender (1987, p. 235) trabalhou com a perspectiva de que 50.000 pessoas passaram pelas prisões por motivos políticos (a maior delas de maneira ilegal, não registrada) e 20.000 foram torturadas.

⁶ Segundo Mário Magalhães (2014, p. 32), trata-se de uma etnia africana proveniente do Sudão, futuro território nigeriano, que se destacou no Brasil por suas inúmeras revoltas. A mais conhecida delas é a Revolta dos Malês, quando negros muçulmanos, aliados com africanos de Pernambuco, nas primeiras décadas do século XIX, rebelaram-se contra senhores de escravos e engenhos.

⁷ Até 2019 Caetano Veloso se declarava um liberal com repulsa pelo socialismo, posição que foi matizada a partir dessa época diante da mudança do cenário político no país e de seu contato com trabalhos marxistas sobre a história do liberalismo. A mudança pode ser lida em [folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/08/aos-80-caetano-nunca-foi-tao-de-esquerda.shtml](https://m.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/08/aos-80-caetano-nunca-foi-tao-de-esquerda.shtml). Acesso em 25 mar. 2024.

⁸ A entrevista de Mano Brown foi dada em 2011 e está disponível em «<https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2011/08/961331-marighella-lembra-public-enemy-e-rationais-diz-mano-brown.shtml>». A de Caetano Veloso é de 2012 e pode ser vista em <https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2012/11/1193165-veja-entrevista-com-caetano-veloso-sobre-seu-novo-disco-abracaco.shtml>. Ambas foram acessadas no dia 23 de dezembro de 2022.

⁹ O texto de Reinaldo Azevedo está disponível em <https://veja.abril.com.br/columa/reinaldo/mano-brown-o-maior-intelectual-da-esquerda-contemporanea-celebra-marighella-o-arrancador-de-perna-e-defensor-do-assassinato-de-inocentes>. Acesso no dia 30 de dezembro de 2020.

¹⁰ Um dos últimos episódios pode ser lido em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/03/bolsonaro-repete-discursos-da-ditadura-para-exaltar-golpe-militar.shtml>. Acesso em 25 mar. 2024.